



Eleanor Herman

**SEXO COM REIS
500 ANOS DE ADULTÉRIO,
PODER, RIVALIDADE E
VINGANÇA**

**Tradução: Marisa Motta
2004**

Para minha mãe, Louise, no céu.

Sumário

Agradecimentos ... 9

Introdução ... 11

1 Sexo com o Rei ...23

2 Além da Cama - A Arte de Agradar um Rei ... 41

3 Rivais do Amor de um Rei - A Amante e a Rainha ... 61

4 O Corno do Rei - O Marido da Amante ... 85

5 A Vigilância Ininterrupta - O Preço do Sucesso ... 105

6 O Amor Lucrativo - As Recompensas do Pecado ... 131

7 O Poder Político em Meio aos Lençóis ... 153

8 Grandes Meretrizes da Babilônia - A Opinião Pública e a Amante ... 169

9 Os Frutos do Pecado - Os Bastardos Reais ... 181

10 A Morte do Rei ... 193

11 O Fim de uma Carreira Brilhante e suas Conseqüências ... 209

12 Monarcas, Amantes e Casamentos ... 233

Agradecimentos

Sou extremamente grata a muitas pessoas pelo encorajamento e apoio.

Minha falecida mãe, a artista Louise Herman Donahue, criou-me em meio à criatividade, estimulou minha curiosidade e transmitiu-me um amor e uma alegria inesquecíveis. Deu-me o presente sem preço do sonho, um presente que permanece comigo, embora ela já não mais esteja entre nós, Meu pai, o jornalista Walter Focke Herman, orgulhoso de seus ancestrais medievais de sangue real, despertou na minha infância o interesse por história. Sentada em seus joelhos, ouvi pela primeira vez os gritos da batalha, senti o cheiro da fumaça dos castelos em chamas, vi a pompa das procissões reais. Também lhe sou grata por sua edição perspicaz do meu manuscrito.

Christine Merrill, minha irmã, uma artista de grande talento que vive com sucesso seu sonho, sempre me incentivou - em geral, importunando-me - a viver o meu. Não creio que teria concluído este projeto sem sua obstinada, porém afetuosa insistência para que eu o fizesse, Muito obrigada a Susanne Becerril, Karen Griswold e Helena Hoogterp pelo estímulo incessante e ajuda ao projeto e à sua autora, Agradeço, em especial, a meu querido amigo Leslie Harris, proprietário e designer do vestuário da Noblesse Oblige Renaissance, por ajudar-me a ,incorporar o espírito e o espartilho de uma amante de um rei. Ao vestir uma dessas roupas luxuosas, mas limitadas aos rígidos preceitos da época, aprofundei minha compreensão sobre suas vidas suntuosas, porém restritas.

Surpreendi-me com a paciência de meu marido maravilhoso, Michael Dymant, que ouviu minhas conversas intermináveis sobre reis e rainhas, amantes e bastardos reais, e tolerou a excentricidade de meus requintados vestidos de época em inúmeros eventos, sem demonstrar o menor constrangimento.

Com certeza, este livro não teria sido escrito sem a consulta aos diários, cartas, despachos e reminiscências do passado, nem sem as diversas biografias e histórias escritas por autores modernos relatando e interpretando as fontes originais. Para todos os escritores - antigos e contemporâneos - em cuja obra

me debrucei com confiança e mencionados na Bibliografia, meus profundos agradecimentos.

Por fim, para compreender os eventos caóticos do passado, o historiador precisa focá-los sob um determinado prisma filosófico. Neste sentido, tenho uma dívida imensa com a obra *A Course in Miracles* (Curso de Milagres), trabalho de sutil perspicácia psicológica e grande poder espiritual.

Introdução

Quando o destino de uma nação está no quarto de uma mulher, o melhor lugar para um historiador é a antecâmara.

- Charles-Augustin Sainte-Beuve -

Se a prostituição é a mais antiga profissão do mundo, então a arte refinada de ser uma amante deve ser a segunda.

Ao imaginarmos a amante mais sofisticada - aquela adequada a um rei -, vemos uma imagem enevoada e difusa de uma mulher cujas mãos acariciaram e moldaram a história. Permanece, em geral, nas sombras de um mundo onde a luz dos holofotes brilha apenas para os homens que delinearão a história. Apenas ocasionalmente, ouvimos o farfalhar de uma saia de seda ou um riso musical ecoando atrás do trono.

A ascensão das amantes reais nas cortes europeias foi um acontecimento súbito, surgido ao término das névoas medievais. Durante mil anos depois da queda de Roma, o pecado real escondia-se entre as espessas cortinas das camas de dossel e era lamentado na escuridão abafada de um confessionário. A poderosa Igreja Católica desaprovava o adultério e as mulheres pecadoras da corte eram mantidas rigidamente em segundo plano.

Algumas vezes, o prenome de uma mulher relacionava-se a um monarca feudal, uma certa Maude ou Blanche, mas nada mais se sabia. Inúmeros bastardos reais reconhecidos pelos reis pareciam ter brotado de um ar etéreo, e podia-se apenas presumir que tinham mães. Esse grande desconhecimento sobre as relações amorosas dos reis origina-se não só das exigências de discrição da Igreja. O analfabetismo reinava tanto quanto os próprios monarcas, a maior parte deles incapazes de assinar seus nomes.

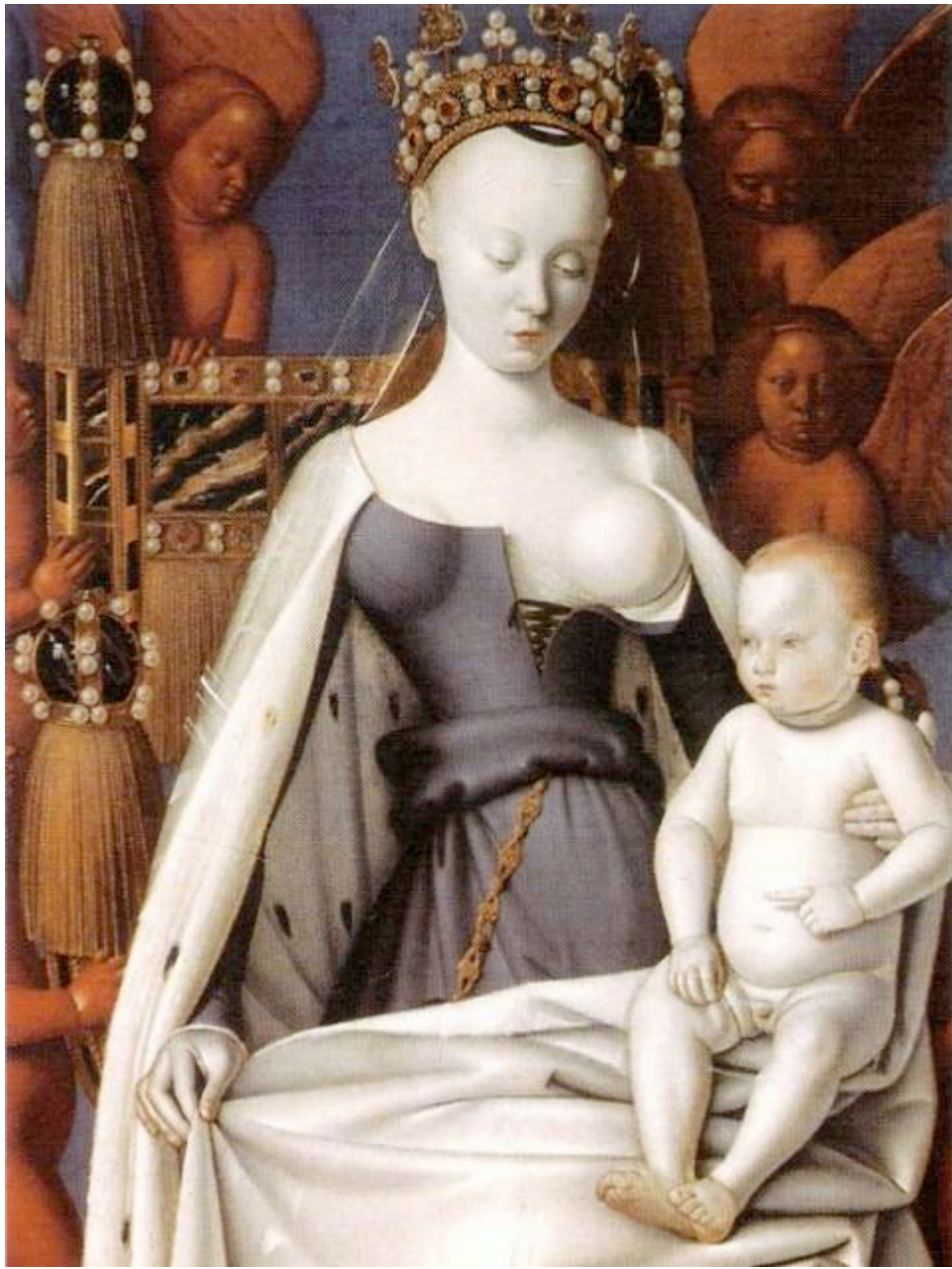
Apenas em razão de sua avareza, conhecemos algo sobre a amante medieval inglesa Alice Perrers. A cortesã de Eduardo III (1312-1377), a gananciosa Alice, usou sua posição durante a última década da vida do velho monarca para pilhar as finanças reais, tornando-se uma das maiores proprietárias de terras da Inglaterra. Explorando habilmente a senilidade de Eduardo, convenceu-o a comprar sem cessar as mesmas jóias para ela, guardando o

dinheiro que recebera para adquiri-las. Se isso não bastasse, sentada ao lado do leito de morte do amante, Alice retirou anéis valiosos de seus dedos enrijecidos e os escondeu. O Parlamento, escandalizado, confiscou suas propriedades em 17 condados, suas jóias (incluindo 21.868 pérolas) e outros presentes dados pelo rei. A litigante Alice passou o resto de sua vida na corte tentando recuperar seus bens, como documenta os registros do Tesouro, decretos parlamentares e processos judiciais.

A rusticidade dos ingleses não condizia com o refinamento da corte francesa. Após setenta anos da conduta vergonhosa de Alice Perrers, o protótipo da amante real surgiu envolto em uma glória dourada, como uma fênix ressurgindo das cinzas da Idade Média. Agnes Sorel foi o exemplo típico de uma mulher francesa na corte francesa, que exerceu sua influência política sobre o país e o rei. A graciosa Agnes conseguiu tirar Carlos VII (1403-1461) de sua débil apatia para reorganizar suas tropas e expulsar os invasores ingleses do solo francês. Carlos, um homem tristonho, de baixa estatura e pernas tortas, envolto em seus mantos espessos, foi um rei medíocre antes de Agnes e voltou a ser inexpressivo após sua morte.

O retrato mais antigo de uma amante real foi o de Agnes, pintado por Jean Fouquet em 1449, uma época em que retratos seculares ainda eram raros, e muitas pessoas ricas e famosas subornavam os artistas das igrejas para retratá-las nas imagens dos santos. Curiosamente, Agnes foi retratada como a Virgem Maria em um painel duplo de uma igreja. Nesse painel, agora no museu Koninklijk, em Antuérpia, Agnes, usando uma coroa e uma capa de arminho, mostra um seio firme e farto para o menino Jesus, que parece indiferente e olha em outra direção. O outro painel, no entanto, hoje no Staatliche Museum de Berlim, mostra seu grande amigo, Etienne Chevalier, de joelhos em uma idolatrada devoção. O díptico da amante do rei, mãe de seus filhos ilegítimos, pintada como a Mãe de Deus, deve ter chocado os devotos ainda mais diante da visão do amigo idolatrando seu seio exposto.

Agnes Sorel



Logo depois de o quadro ter sido pintado, talvez por coincidência, os poderes do céu enviaram a Ceifadeira para castigar Agnes. Com cerca de 40 anos, após 15 anos como amante, amiga e conselheira do rei, Agnes morreu ao dar à luz. Talvez contemplasse um lugar grandioso quando, ao olhar para seu corpo que se esvaía, disse com suavidade: "É algo tão insignificante, maculado e exalando nossa fragilidade." Cerrou os olhos. O rei, dilacerado pela dor, concedeu-lhe o título póstumo de duquesa e a enterrou em grande esplendor. Nosso conhecimento sobre as amantes reais aumenta significativamente com o advento do século XVI. O desabrochar do pensamento na Renascença trouxe novos ares para uma Europa estagnada. De súbito, navios cruzavam os

sete mares, trazendo de volta novos-ricos que jamais haviam sonhado com a riqueza. Os monastérios foram pesquisados para encontrar manuscritos que ilustrassem a sabedoria das lendas pagãs antigas. Sociedades que idolatraram, durante milhares de anos, as estátuas da Virgem extasiavam-se diante da imagem curvilínea da Vênus de Milo. Nesse processo, o Vaticano perdeu a chave do cofre de todo o conhecimento; sua tenaz de ferro sobre a moral e os costumes enfraqueceu de modo substancial - mesmo em nações que permaneceram católicas após a Reforma.

A invenção da imprensa provocou uma explosão de instrução entre a nobreza. A escrita de cartas tornou-se um passatempo favorito de cortesãos ansiosos para saciar a curiosidade de parentes incultos sobre fofocas picantes da corte. Dessas cartas extraem-se as lágrimas das rainhas, os acessos de raiva das amantes e a luxúria insaciável dos reis. Madame de Maintenon, a última favorita e esposa morganática do rei Luís XIV (1638-1715), escreveu mais de 90 mil cartas durante a vida. A cunhada de Luís XIV, Elizabeth Charlotte, duquesa de Orléans, escreveu 60 mil cartas sobre a vida na corte de Versalhes, cobrindo um período de cinqüenta anos. Madame de Sévigné, que conheceu pessoalmente as amantes de Luís XIV, escreveu três vezes por semana durante 25 anos para sua filha querida, que morava na Provença. Algumas correspondências pessoais de reis e de suas amantes sobreviveram a incêndios, inundações, traças, destruição proposital; e parte dessas missivas aborda o lado romântico da vida.

Além disso, os relatórios dos embaixadores fornecem opiniões detalhadas sobre a vida na corte. Em uma época em que um capricho do rei significava paz ou guerra, abundância ou fome, nenhum detalhe real era considerado insignificante. Alguns despachos oficiais discutiram até mesmo o funcionamento dos intestinos do rei. Luís XIV, ciente da grande influência que muitas amantes de Carlos II (1630-1685) tiveram sobre ele, instruiu seus embaixadores na Inglaterra para enviar "relatórios detalhados sobre todos os acontecimentos da corte da Grã-Bretanha, sobretudo, sobre a vida privada". Muitos desses relatos maliciosos sobreviveram.

Os diários tornaram-se moda, dando testemunho de intrigas reais. Um dos mais conhecidos memorialistas, Samuel Pepys, trabalhou como funcionário graduado no English Naval Office na década de 1660 e sentiu um fascínio

lascivo pela amante de Carlos II. Mencionou tê-los visto no parque e no teatro, comparou a beleza deles, descreveu suas roupas e fez sexo com eles em seus sonhos. Escreveu com entusiasmo que beijara Nell Gwynn ao final de sua peça e que a visão das ricas roupas íntimas de Lady Castlemaine penduradas em um varal lhe fora muito prazerosa.

As memórias tornaram-se populares, embora devam ser lidas com cautela e comparadas com outros documentos do mesmo período. Escritas para serem publicadas, muitas delas tinham o duplo propósito de vingança pessoal e delação. Pouco antes de sua morte em 1615, a rainha Margarida da França escreveu uma autobiografia enaltecendo sua virtude imaculada e descrevendo numerosas histórias sobre o comportamento censurável do marido com as amantes, eximindo-se de contar histórias semelhantes protagonizadas por ela e seus amantes. O vingativo duque de Saint-Simon, desiludido com o tratamento que lhe fora dispensado, partiu da corte de Versalhes em 1722. Teimosamente, empunhou sua pena para escrever quarenta volumes de memórias, a tinta misturada com grandes doses de veneno.

Biografias contemporâneas começaram a surgir, mas também devem ser lidas com espírito crítico. O conde Karl von Pöllnitz iniciou suas viagens pelas cortes da Europa em 1710 e, em 1740, converteu-se em mestre-de-cerimônias de Frederico, o Grande. Fascinado pelas aventuras amorosas de Augusto, o Forte, da Saxônia (1670-1733), que teve mais de trezentos filhos ilegítimos, o conde Von Pöllnitz publicou uma biografia do rei em 1734, um ano após sua morte. Embora os fatos básicos relativos aos casos amorosos do rei sejam verdadeiros, percebe-se que o conde refinou as conversas relatadas em seu livro para dar-lhes um efeito cômico.

Concomitante à educação formal, surgiu uma nova apreciação da influência valiosa da mulher na sociedade. A corte francesa no século XVI começou a aceitar a idéia de que as mulheres eram tão inteligentes e capazes quanto os homens, porém muitíssimo mais atraentes. Subitamente, as amantes reais passaram a ser admiradas, imitadas e enaltecidas.

Do século XVI ao século XVIII, a posição de amante do rei foi tão oficial quanto a do primeiro-ministro. Esperava-se que cumprisse certos deveres - sexuais e outros -, recompensados por títulos, honrarias e um papel influente na corte. Ela encorajava as artes - teatro, literatura, música, arquitetura e

filosofia. Usava seu encanto como arma contra os embaixadores estrangeiros. Acalmava o rei quando ele se zangava, animava-o quando estava desanimado, encorajava-o à grandeza em seus momentos de fraqueza. Assistia à missa diariamente, dava esmolas para os pobres e entregava suas jóias ao Tesouro em épocas de guerras.

Francisco I de França (1494-1547) foi o primeiro rei a conferir o título de maîtresse-en-titre - amante oficial - à sua favorita. Francisco I desfrutou de diversas amantes, uma após outra, com grande auto-confiança. Na segunda metade do século XVI, as amantes francesas exerceram mais poder que quaisquer outras na Europa em duzentos anos. Diane de Poitiers, amante de Henrique II (1519-1559), tornou-se membro do Conselho francês, uma assembléia seleta, constituída para deliberar sobre assuntos governamentais. Diane promulgou leis e criou impostos, assim como assinou decretos oficiais com uma assinatura conjunta, Henrique-Diane. Gabrielle d'Estrées, amante de Henrique IV (1553-1610), também participou do Conselho, publicou leis, recebeu embaixadores e contribuiu de forma decisiva para o fim da guerra civil religiosa.

Na Inglaterra, Henrique VIII (1491-1547) provocou um grande conflito ao insistir em se casar com duas mulheres a quem desejara para, depois, ordenar que fossem decapitadas. No século seguinte, Carlos II escolheu uma amante no dia em que ascendeu ao trono. No dia de sua coroação, em 1660, fez sexo com a jovem de cabelos acobreados, Bárbara Palmer, que nove meses depois lhe deu uma filha. Como retribuição, o rei lhe concedeu o título de condessa de Castlemaine. Carlos explicou que "não era ateu, mas não poderia pensar que Deus pudesse fazer um homem infeliz por usufruir um pouco de prazer". Livre do jugo da fidelidade - até em relação à amante -, Carlos foi um dos raros monarcas a possuir várias amantes importantes ao mesmo tempo. Nunca igualou os franceses na auto-confiança e seu harém assemelhava-se a um galinheiro cacarejante. Na semana de sua morte, em 1685, o rei estava rodeado por todas as suas mulheres, como descreveu escandalizado o memorialista John Evelyn, que criticou "a inexprimível luxúria e profanação, jogatina e a total devassidão" que testemunhou. O rei Carlos, "sentado, divertia-se com suas concubinas Portsmouth, Cleveland, Mazarin etc., um garoto francês cantava músicas românticas na maravilhosa galeria, enquanto

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

